de **Monteiro Lobato**

Organização: Benita Prieto

De escrever para marmanjos
já estou enjoado.
Bichos sem graça.
Mas para crianças
um livro é todo um mundo.

Monteiro Lobato
o inventor da Literatura Infantil e Juvenil brasileira

José Bento Monteiro Lobato pertence ao imaginário de muitas gerações. Entrar no sítio do Picapau Amarelo e viajar para tantos lugares com seus personagens, possibilitou significativa valorização da cultura popular, estabelecendo diálogos com os mitos e as tradições do Brasil. Pedrinho diz no livro *Histórias de Tia Nástacia*: "Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela."

Lobato foi muito além da cultura popular, trazendo de forma lúdica interações com história, geografia, mitologia grega, gramática, literatura.

A aventura de escrever para crianças começou em 1920 com o livro *A menina do narizinho arrebitado*. Publicou em 1921 *Fabulas de Narizinho*, grafia da época, uma antologia infantil de 28 fábulas, algumas clássicas e outras inéditas, de sua própria autoria. A obra contou com ilustrações de Voltolino e foi publicada por Monteiro Lobato e Cia editores, em São Paulo. Esta primeira edição não apresentava os comentários dos personagens do sítio do Picapau Amarelo e destacava a moral explícita na maioria das fábulas.

O livro *Fabulosas Fábulas* é uma homenagem ao centenário dessa edição. Recuperamos o índice, os títulos e a sequencia original, também incluímos a fábula *As abelhas e os zangões,* que não está presente nas edições atuais, bem como, a nota introdutória, tal qual como foi escrita por Lobato para a edição original. Optamos por manter a estrutura da língua escrita usada naquele tempo, de forma que os novos leitores possam ser agraciados com o contexto da época.

A leitura deste livro estabelece uma ponte intercultural e intergeracional entre Brasil e Portugal, pelo grande sucesso que Monteiro Lobato tem nos dois países e por tratar-se de uma literatura que ultrapassou o momento de vida do escritor. Lobato é universal!

Benita Prieto e Tâmara Bezerra

NOTA INTRODUTÓRIA

“As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animaes, ás árvores, ás águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde resurte a “moralidade”, isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. O autor nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a creação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nosso animaes, sempre que é isso possível”

Monteiro Lobato

ÍNDICE

A CIGARRA E A FORMIGA

I – A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam odia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... — exclamou a formiga recordando-se. — Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas ho-

ras que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II – A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — emprestado, notem! — uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava

um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som

estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

OS DOIS BURRINHOS

Muito lampeiros, dois burrinhos de tropa seguiam trotando pela estrada além. O da frente conduzia bruacas de ouro em pó; e o de trás, simples sacos de farelo. Embora burros da mesma igualha,não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse ao lado.

— Alto lá! — dizia ele. — Não se emparelhe comigo, que quem carrega ouro não é do mesmo naipe de quem conduz farelo. Guarde cinco passos de distância e caminhe respeitoso como se fosse um pajem.

O burrinho do farelo submetia-se e lá trotava na traseira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo. De repente...

— Oah! oah!...

São ladrões da montanha que surgem de trás de um toco e agarram os burrinhos pelos cabrestos.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde:

— Farelo! — exclamam desapontados. — O demo o leve! Vejamos se há coisa de mais valor no da frente.

— Ouro, ouro! — gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.

Mas o burrinho resiste. Desfere coices e dispara pelo campo afora. Os ladrões correm-lhe atrás, cercam-no e dão-lhe em cima, de pau e pedra. Afinal saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho do ouro, mais morto que vivo e tão surrado que nem se suster em pé podia, reclama o auxílio do outro que muito fresco da vida tosava o capim sossegadamente.

— Socorro, amigo! Venha acudir-me, que estou descadeirado...

O burrinho do farelo respondeu zombeteiramente:

— Mas poderei por acaso aproximar-me de Vossa Excelência?

— Como não? Minha fidalguia estava toda dentro da bruaca e lá se foi nas mãos daqueles patifes.

Sem as bruacas de ouro no lombo, sou uma pobre besta igual a você...

— Bem sei. Você é como certos grandes homens do mundo que só valem pelo cargo que ocupam.

No fundo, simples bestas de carga, eu, tu, eles...

E ajudou-o a regressar para casa, decorando, para uso próprio, a lição que ardia no lombo do vaidoso.

O MACACO E O GATO

Simão, o macaco, e Bichano, o gato, moram juntos na mesma casa. E pintam o sete. Um furta coisas, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, esfiapa as

almofadas e bebe o leite das crianças.

Mas, apesar de amigos e sócios, o macaco sabe agir com tal maromba que é quem sai ganhando sempre.

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira pusera a assar nas brasas umas castanhas e fora à horta colher temperos. Vendo a cozinha vazia, os dois malandros se aproximaram. Disse o macaco:

— Amigo Bichano, você, que tem uma pata jeitosa, tire as castanhas do fogo.

O gato não se fez insistir e com muita arte começou a tirar as castanhas.

— Pronto, uma...

— Agora aquela de lá... Isso. Agora aquela gorducha... Isso. E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão.

— Espere aí, diabada!...

Os dois gatunos sumiram-se aos pinotes.

— Boa peça, hein? — disse o macaco lá longe.

O gato suspirou:

— Para você, que comeu as castanhas. Para mim foi péssima, pois arrisquei o pelo e fiquei em jejum, sem saber que gosto tem uma castanha assada...

O bom-bocado não é para quem o faz,
é para quem o come.

OS DOIS POMBINHOS

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um deles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou na cabeça a ideia de correr mundo.

— Para quê? — advertiu o companheiro. — Não é tão sossegado aqui neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares.

— Não vá! Há mil perigos pelo caminho, incertezas, traições. Além disso, o tempo não é próprio.

Época de temporais.

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de propósito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem. O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fora de abrigo, encolhido numa árvore seca. Sofre horrores, mas salva-se, e quando veio a bonança pôde continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com várias penas de menos e um fio de barbante aos pés, a lhe embaraçar o voo.

Nisso um gavião surge e se precipita sobre ele com rapidez de fle-

cha. O mísero pombinho, atarantado, mal tem tempo de abrigar-se no terreiro de um casebre de lavradores. Desse modo livrou-se do rapinante, mas não pôde se livrar de um menino que de bodoque em punho correu para cima dele e espeloteou-o.

Corre que corre, perereca que perereca, o mal-aventurado pombinho conseguiu ainda uma vez escapar, oculto num oco de pau.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, pôde fugir para o ninho.

Ao vê-lo chegar, arrastando a asa, depenado, moído de canseira, o companheiro beijou-o por entre lágrimas e disse:

Bem certo o ditado:
boa romaria faz quem em casa fica em paz.

A MOSCA E O AUTOMÓVEL

Um automóvel havia encalhado em certo ponto de mau caminho, num atoleiro.

— E agora?

— Agora é procurar bois na vizinhança e arrancá-lo à força viva.

Assim se fez. Arranjam os bois — uma junta.

Atrelam-na ao carro e principia a luta.

— Vamos, Malhado! Puxa, Cuitelo!

Os bois estiram os músculos num potente esforço, espicaçados pelo aguilhão.

Mas não basta. É preciso que todos, serviçais e passageiros, metam ombros à tarefa e, empurrando de cá, alçapremando de lá, ajudem o arranco dos bovinos. A mosca aparece. Assunta o caso e resolve meter o bedelho onde não é chamada. E toda aflita começa — voa daqui, pousa ali, zumbe à orelha de um, pica no focinho de outro, atormenta os bois, atrapalha os homens — a multiplicar-se de tal maneira que dá a impressão de ser não uma só, mas um enxame inteiro de moscas infernais.

O carro, afinal, saiu do atoleiro.

— Uf! Que trabalhão me deu!... — disse a mosquinha enxugando o suor da testa.

O CORVO E O PAVÃO

O pavão, de roda aberta em forma de leque, dizia com desprezo ao corvo:

— Repare como sou belo! Que cauda, hein? Que cores, que maravilhosa plumagem! Sou das aves a mais formosa, a mais perfeita, não?

— Não há dúvida de que você é um belo bicho — disse o corvo. — Mas, perfeito? Alto lá!

— Quem quer criticar-me! Um bicho preto, capenga, desengraçado e, além disso, ave de mau agouro... Que falha você vê em mim,

ó tição de penas?

O corvo respondeu:

— Noto que para abater o orgulho dos pavões a natureza lhes deu um par de patas que, faça-me o favor, envergonharia até a um pobre-diabo como eu...

O pavão, que nunca tinha reparado nos próprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho sem replicar coisa nenhuma.

Tinha razão o corvo: não há beleza sem senão.

AS ABELHAS E OS ZANGÕES

Aparecendo numa arvore uns lindos favos de mel sem dono, os zangões os reclamaram logo como coisa deles. As abelhas, porém, protestaram.

— Alto lá! Mel é conosco, disseram elas.

Houve inquérito, exames, vistorias, interrogatório de testemunhas, mil coisas; mas o caso, embrulhado pelos rábulas, dia a dia se tornava mais difícil de resolver. Enquanto isso o mel azedava e as formigas roíam a cera.

Cansadas de lidar com a justiça resolveram as partes consultar um jabuti de grande tino, que em duas palavras resolveu a questão:

— É muito fácil decidir uma pendenga destas. Basta que tanto os zangões como as abelhas façam, aqui perto de mim, um trabalho igual. Deste modo, comparando os favos sem dono com a amostra do trabalho de cada uma das partes, verei logo qual é a legitima proprietária deles.

— Pronto — disseram as abelhas, preparando-se para a tarefa.

Os zangões, porém, emudeceram e trataram de raspar-se, desapontadíssimos.

Não basta alegar, é preciso provar.

O LEÃO E O RATINHO

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pelos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho; não tenhas medo de teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava, mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

— Amor com amor se paga — disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pôde o leão deslindar-se e fugir.

Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

O VEADO E A MOITA

Perseguido pelos caçadores, um pobre veado escondeu-se bem quietinho dentro de cerrada moita. O abrigo era seguro, e tanto que por ele passaram os cães sem perceberem coisa nenhuma.

Salvou-se o veado; mas, ingrato e imprudente, logo que ouviu latir ao longe o perigo, esqueceu o benefício e pastou a benfeitora — comeu toda a folhagem que tão bem o escondera.

Fez e pagou.

Dias depois voltaram novamente os caçadores. O veado correu em procura da moita — mas a pobre moita, sem folhas, reduzida a varas, não pôde mais escondê-lo, e o triste animalzinho acaboues-traçalhado pelos dentes dos cães impiedosos.

O GATO E O SABIÁ

Caíra um triste sabiá nas unhas de esfaimadíssimo bichano. E gemendo de dor implorava:

— Felino de bote pronto e afiadas unhas, poupa-me! Repara que, se me devoras, cometes um crime de lesa-arte, pois darás cabo da garganta maravilhosa de onde brotam as mais lindas canções da selva.

Queres ouvir uma delas?

— Tenho fome! — respondeu o gato.

— Queres ouvir uma canção que já enlevou as próprias pedras, que são surdas, e fez exclamar à bruta onça: “Este sabiá é a obra -prima da natureza!”.

— Tenho fome! — repetiu o gato.

— Tens fome, bem vejo, mas isso não é razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos criam o êxtase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorjeio em lá menor da minha última sinfonia?

— Tenho fome! — insistiu o gato. — Sei que tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se.

Para satisfazê-la eu devoraria a própria música, se ela me aparecesse encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o.

OS ANIMAIS E A PESTE

Em certo ano terrível de peste entre os animais, o leão, mais apreensivo, consultou um mono de barbas brancas.

— Esta peste é um castigo do céu — respondeu o mono —, e o remédio é aplacarmos a cólera divina sacrificando aos deuses um de nós.

— Qual? — perguntou o leão.

— O mais carregado de crimes.

O leão fechou os olhos, concentrou-se e, depois de uma pausa, disse aos súditos reunidos em redor:

— Amigos! É fora de dúvida que quem deve se sacrificar sou eu. Cometi grandes crimes, matei centenas de veados, devorei inúmeras ovelhas e até vários pastores. Ofereço-me, pois, para o sacrifício necessário ao bem comum.

A raposa adiantou-se e disse:

— Acho conveniente ouvir a confissão das outras feras. Porque, para mim, nada do que Vossa Majestade alegou constitui crime. Matar veados — desprezíveis criaturas; devorar ovelhas — mesquinhos bichos de nenhuma importância; trucidar pastores — raça vil, merecedora de extermínio! Nada disso é crime. São coisas até que muito honram o nosso virtuosíssimo rei leão.

Grandes aplausos abafaram as últimas palavras da bajuladora — e o leão foi posto de lado como impróprio para o sacrifício.

Apresenta-se em seguida o tigre e repete-se a cena. Acusa-se ele de mil crimes, mas a raposa prova que também o tigre era um anjo de inocência.

E o mesmo aconteceu com todas as outras feras.

Nisto chega a vez do burro. Adianta-se o pobre animal e diz:

— A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve na horta do senhor vigário.

Os animais entreolhavam-se. Era muito sério aquilo. A raposa toma a palavra.

— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrível o que ele nos conta, que é inútil prosseguirmos na investigação. A vítima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a sacratíssima couve do senhor vigário.

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrifício.

Aos poderosos tudo se desculpa;
aos miseráveis nada se perdoa.

O ELEFANTE E O BURRO

No tempo em que os animais falavam, uma assembleia de bichos se reuniu para resolver certa questão.

Compareceu, sem ser convidado, o burro, e pedindo a palavra pronunciou longo discurso, fingindo-se estadista. Mas só disse asneiras. Foi um zurrar sem conta.

Quando concluiu, ficou à espera dos aplausos; mas o elefante, espichando a tromba para o seu lado, disse:

— Grande pedaço de asno! Roubaste o tempo, a nós e a ti. A nós, porque o perdemos a ouvir asneiras; e a ti, porque muito mais lucrarias se o empregasses em pastar capim. Toma lá este conselho:

Um tolo nunca é mais tolo
do que quando se mete a sábio

O LOBO E O CORDEIRO

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. — Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele —, sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — nhoque! — sangrou-o no pescoço.

Contra a força, amigos, não há argumentos.

O GATO E A RAPOSA

Gato e raposa andavam a correr mundo, pilhando capoeiras e ninhos. Muito amigos, e volta e meia a raposa dava trela à gabolice.

— Afinal de contas, meu caro, não és dos bichos mais bem-dotados pela natureza. Só tens um truque para escapar aos cães: trepar em árvore...

— E é quanto me basta — respondeu o gato. — Vivo muito bem assim e não troco esta minha habilidade pela tua coleção inteira de manhas.

A raposa sorriu. Ora o gato a desfazer dela, dona de cem manhas cada qual melhor! E recordou lá consigo que sabia iludir cães de mil maneiras, ora se fingindo morta, ora se escondendo nas folhas secas, ora disfarçando as pegadas, ora correndo em ziguezague. Recordou todos os seus truques clássicos.

Enumerou-os. Chegou a contar noventa. E chegaria a contar cem se o rumor de uma acuação não viesse interromper-lhe os cálculos.

— Está aí a cachorrada! — disse o gato, subindo por uma árvore acima. — Aplica lá os teus inumeráveis recursos, que o meu recurso único já está aplicado.

A raposa, perseguida de perto, disparou como um foguete pelos campos, pondo em prática, um por um, todos os recursos de sua coleção.

Foi tudo inútil. Os cães eram mestres; não lhe deram tréguas, inutilizaram-lhe as mais engenhosas manhas e acabaram pegando-a.

Só então se convenceu — muito tarde!... — de que é preferível saber bem uma coisa só a saber male-mal noventa coisas diversas.

O CÃO E O LOBO

Um lobo muito magro e faminto, todo pele e ossos, pôs-se um dia a filosofar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, de pelo fino e lustroso.

Espicaçado pela fome, o lobo teve ímpeto de atirar-se a ele. A prudência, entretanto, cochichoulhe ao ouvido: "Cuidado! Quem se mete a lutar com um cão desses sai perdendo".

O lobo aproximou-se do cão com toda a cautela e disse:

— Bravos! Palavra de honra que nunca vi um cão mais gordo nem mais forte. Que pernas rijas, que pelo macio! Vê-se que o amigo se trata...

— É verdade! — respondeu o cão. — Confesso que tenho tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, suponho que você pode levar a mesma boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandone esse viver errante, esses hábitos selvagens e se civilize, como eu.

— Explique-me lá isso por miúdo — pediu o lobo com um brilho de esperança nos olhos.

— É fácil. Eu apresento você ao meu senhor. Ele, está claro, simpatiza-se e dá a você o mesmo tratamento que dá a mim: bons ossos de galinha, restos de carne, um canil com palha macia. Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

— Aceito! — respondeu o lobo. — Quem não deixará uma vida

miserável como esta por uma de regalos assim?

— Em troca disso — continuou o cão — você guardará o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradará ao senhor e à sua família, sacudindo a cauda e lambendo a mão de todos.

— Fechado! — resolveu o lobo e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa. Logo, porém, notou que o cachorro estava de coleira.

— Que diabo é isso que você tem no pescoço?

— É a coleira.

— E para que serve?

— Para me prenderem à corrente.

— Então não é livre, não vai para onde quer, como eu?

— Nem sempre. Passo às vezes vários dias preso, conforme a veneta do meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem à hora certa?

O lobo entreparou, refletiu e disse:

— Sabe do que mais? Até logo! Prefiro viver magro e faminto, porém livre e dono do meu focinho, a viver gordo e liso como você, mas de coleira ao pescoço. Fique-se lá com a sua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de lobo livre.

E afundou no mato.

A RAPOSA E AS UVAS

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

— Estão verdes — murmurou. — Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisso deu o vento e uma folha caiu.

A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs-se a farejar...

Quem desdenha quer comprar

O SABIÁ NA GAIOLA

Lamentava-se na gaiola um velho sabiá.

"Que triste destino o meu, nesta prisão toda a vida... E que saudades dos bons tempos de outrora, quando minha vida era um contínuo pular de galho em galho à procura das laranjas mais belas...

Madrugador, quem primeiro saudava a luz da manhã era eu, como era eu o último a despedir-me do sol à tardinha. Cantava e era feliz...

Um dia, traiçoeiro visgo me ligou os pés. Esvoacei, debati-me em vão e vim acabar nesta gaiola horrível, onde saudoso choro o tempo da liberdade. Que triste destino o meu! Haverá no mundo maior desgraça?"

Nisto abre-se a porta da sala e entra o caçador, de espingarda ao ombro e uma fieira de pássaros na mão.

Ante o espetáculo das míseras avezinhas estraçalhadas a tiro, gotejantes de sangue, algumas ainda em agonia, o sabiá estremeceu.

E horripilado verificou não ser dos mais infelizes, pois que vivia e ainda não perdera a esperança de recobrar a liberdade de outrora.

Refletiu sobre o caso e murmurou consigo:

— Antes penar que morrer...

O CAVALO E AS MUTUCAS

Um cavaleiro vinha chicoteando as mutucas pousadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia, plaf!, uma lambada e era um inseto de menos.

Mas o homem só chicoteava as mutucas pesadonas, já empanturradas de sangue.

Em certo ponto o cavalo perdeu a paciência e disse:

— Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

— No entanto quê, cavalo! Pois livro-te das mutucas e ainda não estás contente?

— Benefício seria se matasses as magras e poupasses as gordas. Porque as gordas, fartas que estão, nenhum malefício me fazem, ao passo que as outras, famintas, me torturam sem dó. Matando só as inofensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque sofro a dor da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos benefícios assim, benefícios só na aparência!...

O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA

Adoecera o lobo e, como não pudesse caçar, curtia na cama de palha a maior fome de sua vida.

Foi quando lhe apareceu a raposa.

— Bem-vinda seja, comadre! É o céu que a manda aqui. Estou morrendo de fome e se alguém não me socorre, adeus, lobo!...

— Pois espere aí que já arranjo uma rica petisqueira — respondeu a raposa com uma ideia na cabeça.

Saiu e foi para a montanha onde costumavam pastar as ovelhas. Encontrou logo uma, desgarrada.

— Viva, anjinho! Que faz por aqui, tão inquieta? Está a tremer...

— É que me perdi e tremo de medo do lobo.

— Medo do lobo? Que bobagem! Pois ignora que o lobo já fez as pazes com o rebanho?

— Que me diz?

— A verdade, filha. Venho da casa dele, onde conversamos muito tempo. O pobre lobo está na agonia e arrependido da guerra que moveu às ovelhas. Pediu-me que dissesse isto a vocês e as levasse lá, todas, a fim de selarem um pacto de reconciliação.

A ingênua ovelhinha pulou de alegria. Que sossego dali por diante, para ela e as demais companheiras! Que bom viver assim, sem o terror do lobo no coração!

Enternecida, disse:

— Pois vou eu mesma selar o acordo.

Partiram. A raposa, à frente, conduziu-a à toca da fera. Entraram. Ao dar com o lobo estirado no catre, a ovelhinha por um triz que não desmaiou de medo.

— Vamos — disse a raposa —, beije a pata do magnânimo senhor! Abrace-o, menina!

A inocente, vencendo o medo, dirigiu-se para o lobo e abraçou-o. E foi-se a ovelha!...

Muito padecem os bons que julgam os outros por si.

A PEÚVA E O JABUTI

Brigaram certa vez o jabuti e a peúva.

— Deixa estar! — disse esta furiosa. — Deixa estar que te curo, seu malandro! Prego-te uma peça das boas, verás...

E ficou de sobreaviso, com os olhos no astucioso bichinho que lá

se ria dela sacudindo os ombros.

O tempo foi correndo; o jabuti esqueceu-se do caso; e um belo dia, distraidamente, passou ao alcance da peúva.

A árvore incontinênti torceu-se, estalou e caiu em cima dele.

— Toma! Quero ver agora como te arrumas. Estás entalado e, como sabes, sou pau que dura 100 anos...

O jabuti não se deu por vencido. Encorujou-se dentro da casca, cerrou os olhos como para dormir e disse filosoficamente:

— Pois como eu duro mais de cem, esperarei que apodreças...

A paciência dá conta dos maiores obstáculos.

A CABRA, O CABRITINHO E O LOBO

Antes de sair a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

— Cuidado, meu filho. O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta a ninguém antes de pedir a senha.

— E qual é a senha, mamãe?

— A senha é: "Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita".

Decorou o cabritinho aquelas palavras e a cabra lá se foi, sossegada da vida.

Mas o lobo, que rondava por ali e ouvira a conversa, aproximou-se e bateu. E disfarçando a voz repetiu a senha.

O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho desconfiou. E pediu:

— Mostre-me a pata branca, faça o favor...

Pata branca era coisa que o lobo não tinha e portanto não podia mostrar. E, assim, de focinho comprido, desapontadíssimo, o lobo não teve remédio senão ir-se embora como veio — isto é, de papo vazio.

Desse modo salvou-se o cabritinho porque teve a boa ideia de

confiar desconfiando.

O ASNO PEDANTE E O BURRO HUMILDE

Um asno pedantíssimo atormentava a paciência de um pobre burro de carroça, desses que reconhecem o seu lugar na Terra. Zurrava, declamava, provava que era ele um talento de primeira grandeza e sábio como nunca apareceu outro no mundo.

O burro ouvia, de orelhas murchas, pastando. O asno danou.

— Que bronco tu és, amigo! Falo e não me respondes! Zurro ciência e tu pastas! Vamos! Dize alguma coisa! Contraria-me, contesta-me as opiniões, que estou a arder por uma polêmica. Do contrário envergonhar-me-ei de ter-te como irmão na forma e na cor.

Um macaco que tudo ouvia lá num galho não se conteve e disse:

— O mundo está perdido! Esta besta a fazer-se de sábio, a zurrar

centenas de asneiras, e o burro a engolir tudo caladinho...

O burro abanou as orelhas e respondeu com a citação do verso de Bocage:

Um tolo só silêncio é que se pode sofrer...

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mas um por semana apenas. Louco de alegria, disse à mulher:

— Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovário. Mato-a e fico o mandão aqui das redondezas.

— Por que matá-la, se conservando-a você obtém um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana, quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

E matou a galinha.

Dentro dela só havia tripas, como nas galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintém.

Quem não sabe esperar, pobre há de acabar.

A ONÇA, A ANTA E O MACACO

Ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, a onça encontrou sua toca vazia. Desesperada, esgoelou-se em urros de encher de espanto a floresta. Uma anta veio indagar do que havia.

— Mataram-me as filhas! — gemeu a onça. — Infames caçadores cometeram o maior dos crimes: mataram-me as filhas...

E de novo urrou desesperadamente, espojando-se na terra e arranhando-se com as unhas afiadas.

Diz a anta:

— Não vejo motivo para tamanho barulho... Fizeram-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos dos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

— Ó grosseira criatura! Queres então comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dor à dor dos outros?

Um macaco, que do alto do seu galho assistia à cena, meteu o bedelho na conversa.

— Amiga onça, é sempre assim:

pimenta na boca dos outros não arde...

O CHARLATÃO

Um célebre patarata propalou pela cidade que era possível ensinar a ler aos burros. O rei soube do fato e o fez vir à sua presença.

— É verdade o que dizem aí?

— Que é possível ensinar a ler a um burro? Perfeitamente, Majestade. Comprometo-me a, em dez anos, transformar o mais burro dos burros num perfeito gramático.

— E que é preciso para isso?

— Em primeiro lugar, um burro. Em segundo lugar, outro burro... perdão!, uma pessoa que me garanta casa e comida pelo espaço de 10 anos.

— Pois dou-te o burro e o mais — disse o rei. — Se, porém, ao fim desse prazo não me apresentares o burro lendo e escrevendo corretamente, ai de ti!...

O charlatão saiu do palácio esfregando as mãos de contente. E como seus amigos, assustados, viessem criticar-lhe o absurdo daquele negócio e o fim desastroso que ele, charlatão, fatalmente teria, o nosso homem piscou velhacamente o olho, dizendo:

— Que ingênuos são vocês! Em 10 anos, o rei, eu ou o burro, um de nós três não existe mais. E assim de qualquer maneira sairei ganhando. É ou não é?

Todos concordaram que era...

O REFORMADOR DO MUNDO

Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo para ele estava errado e a natureza só fazia asneiras.

— Asneiras, Américo?

— Pois então?!... Aqui mesmo, neste pomar, você tem a prova disso. Ali está uma jabuticabeira enorme sustendo frutas pequeninas, e lá adiante vejo uma colossal abóbora presa ao caule de uma planta rasteira. Não era lógico que fosse justamente o contrário? Se as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria as bolas, passando as jabuticabas para a aboboreira e as abóboras para a jabuticabeira.

Não tenho razão?

Assim discorrendo, Américo provou que tudo estava errado e só ele era capaz de dispor com inteligência o mundo.

— Mas o melhor — concluiu — é não pensar nisto e tirar uma soneca à sombra destas árvores, não acha?

E Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se de papo para cima à sombra da jabuticabeira.

Dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou com o mundo novo, reformado inteirinho pelas suas mãos.

Uma beleza!

De repente, no melhor da festa, plaf!, uma jabuticaba cai do galho e lhe acerta em cheio no nariz.

Américo desperta de um pulo; pisca, pisca; medita sobre o caso e reconhece, afinal, que o mundo não era tão malfeito assim.

E segue para casa refletindo:

— Que espiga!... Pois não é que se o mundo fosse arrumado por mim a primeira vítima teria sido eu? Eu, Américo Pisca-Pisca, morto pela abóbora por mim posta no lugar da jabuticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está, que está tudo muito bem.

E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida afora, mas já sem a cisma de corrigir a natureza.

QUALIDADE E QUANTIDADE

Meteu-se um mono a falar numa roda de sábios e tais asneiras disse que foi corrido a pontapés.

— Quê? — exclamou ele. — Enxotam-me daqui? Negam-me talento? Pois hei de provar que sou um grande figurão e vocês não passam de uns idiotas.

Enterrou o chapéu na cabeça e dirigiu-se à praça pública, onde se apinhava copiosa multidão de beócios. Lá trepou em cima de uma pipa e pôs-se a declamar. Disse asneiras como nunca, tolices de duas arrobas, besteiras de dar com um pau. Mas como gesticulava e berrava furiosamente, o povo em delírio o aplaudiu com palmas e vivas — e acabou carregando-o em triunfo.

— Viram? — resmungou ele ao passar ao pé dos sábios. — Reconheceram a minha força?

Respondam-me agora: que vale a opinião de vocês diante desta

vitória popular?

Um dos sábios retrucou serenamente:

A opinião da qualidade
despreza a opinião da quantidade.

A CORUJA E A ÁGUIA

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra — disse a coruja. — O mundo é grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

— Perfeitamente — respondeu a águia. — Também eu não quero outra coisa.

— Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

— Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

— Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem-feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

— Está feito! — concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três mostrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

— Horríveis bichos! — disse ela. — Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca, a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

— Quê? — disse esta, admirada. — Eram teus filhos aqueles mostrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai.

Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.